

De Brasília para o Brasil

Mergulhado nas perplexidades do Brasil Central e Ocidental, mestre Cassiano Nunes propõe neste artigo uma revolução de novos bandeirantes culturais, frente aos caranguejos da intelectualidade que desde Frei Vicente do Salvador frequentam nossos litorais.

Cassiano Nunes

Otto Lara Rezende, há pouco tempo, na "Folha de S. Paulo", Paulo", assinalava, com muita razão, a alta importância de artistas e intelectuais brasileiros, que realizaram obras extraordinárias, do princípio da década de trinta ao fim da década de cinquenta. Ele chega a falar numa "Renascença Brasileira". Antes desse escritor mineiro, salientando a qualidade desse conjunto de escritores e criadores de beleza, já eu denominara essa época a Golden Age da nossa história cultural. Os separatistas que me perdoem mas a maturidade do modernismo foi posta em relevo por elementos das mais diversas regiões e, parece-me, com um forte sentido da unidade do Brasil. Portanto, vejamos: Augusto Meyer impôs-se com a sua poesia e prosa dos pagos gaúchos; Dalton Trevisan — o clássico da minha geração — insere Curitiba na geografia literária do Brasil; Mário de Andrade, que começou com "Paulicéia Desvairada", termina com "Lira Paulistana"; a obra de Marques Rebelo constitui uma rapsódia, plena de carioquismos; Drummond evoca Itabira e outras cidades mineiras; Jorge Amado legitima e internacionaliza a cultura afro-baiana; Amando Fontes, comovido, nos mostra retirantes de Sergipe; Gilberto Freyre e José Lins do Rego falam-nos do esplendor e da decadência da aristocracia canavieira; Josué Montello inicia, na ocasião, o seu painel do passado maranhense com os seus sobrados nostálgicos; O.G. Rêgo Carvalho desvela a alma do Piauí desenhando velhas casas de Oeiras; Dalcídio Jurandir filma literariamente a região amazônica... A literatura brasileira é uma confederação em que se manifestam e dialogam várias regiões.

Esses brasileiros não se limitaram ao conhecimento de suas províncias. Atravessaram fronteiras regionais. O nordestino Limeira Tejo instalou-se em Porto Alegre. O gaúcho de no-

me teuto Raul Bopp nos transmite o mistério amazônico, os mitos das florestas imensas, dos rios caudalosos, justamente no "Cobra Norato". Martins Fontes, poeta santista, era filho de sergipano e poetou no grande porto paulista, habitado por muitas famílias sergipanas. Mário de Andrade percorreu Minas, o Nordeste e a Amazônia, e concentrou, num verso de "Noturno de Belo Horizonte", o sentimento global do nosso relacionamento afetivo: "Nós somos, na Terra, o grande milagre do Amor!"

Brasília, projetada desde os primórdios da Pátria pelos melhores filhos dela — os de espírito mais penetrante e que, por conseguinte, pareciam videntes e profetas — surgiu justamente para dar consistência a um país geograficamente frouxo, descosturado, incompleto, fragmentado, e também para vencer a alienação colonialista. Foi construída para impor a interiorização e a dinamização do interior. Brasília teve, por missão, dar, ao Brasil, o seu remate, as suas feições definitivas, em suma, o seu acabamento. Ainda hoje o Brasil é uma nação inacabada como a célebre sinfonia de Schubert. Deixamos de fazer o que os americanos fizeram com pleno sucesso: assumir a posse total do seu território. E mais que isto: ir do leste ao oeste — atingir o Pacífico. Ao contrário, o Brasil, passada a febre do bandeirismo, acorrou-se junto das costas, esperando as notícias influenciadoras que vinham da Europa, hoje substituída pelos Estados Unidos. A Marcha para o Oeste, realização criteriosa de Getúlio e João Alberto, foi logo dissolvida. O Projeto Rondon — cancelado. Nos Estados Unidos, foi importante o "American Dream", "O sonho americano". No Brasil, nunca houve o Sonho Brasileiro, uma ânsia de trabalho cons-

trutor, uma aspiração ampla, nacional. Limitamo-nos a sonhos individuais, medíocres, mesquinhos, alimentados pelo jogo do bicho e pelas raspadinhas... Nossas migrações mar-

cham na direção contrária do progresso. Em vez do nosso caboclo se arraigar na sua terra, ou arrotear terras novas vem para as metrópoles mendigar ou, o que é pior, engrossar as hostes do banditismo.

Muito poeta, no sentido nobre é etimológico da palavra (o que cria, o que faz), Kubitschek, a quem atribuem sangue cigano, deu o sinal da caminhada certa, racional, lógica. Contra a maledicência dos épicos do imobilismo, dos defensores da estagnação, o sonhador de Diamantina determinou a impetuosa arrancada e deixou evidente que as utopias deixam de ser utopias quando o homem decide criar, construir, dinamizar.

Realizada Brasília, de maneira majestosa e vitoriosa, desde os seus primórdios foi fácil notar que teve que enfrentar a frieza dos impotentes e a inveja dos paralíticos. A impressionante capital ainda não conquistou o assentimento da mentalidade costeira, transoceânica, alienada, que predomina no Brasil. Esses adversários do progresso não querem perceber que o Brasil é um país de costas voltadas para o seu interior. Aceitam — e defendem o subdesenvolvimento, ou antes o antidesenvolvimento.

Contudo, a Canaã bíblica, a "terra de leite e mel", existe, e espera pacientemente que os brasileiros, entusiastas do "rock", da Disneylândia e de tudo o que as multinacionais nos impingem, se apercebam dela. Ainda, há poucos dias, presenciei, maravilhado, o progresso, a riqueza e o desenvolvimento cultural, numa região do Brasil, que tem muito a nos oferecer! Refiro-me a Mato Grosso do Sul, e, de maneira mais geral, ao Centro-Oeste. Com estes olhos que a terra há de comer, vi Dourados, cidade vital, bela, limpa, farta! Senti que esse triunfo do Centro-Oeste — ainda muito no seu começo, pois suas possibilidades, sua potencialidade, são enormes — tem muito a ver com a construção de Brasília.

O sentido de Brasília, que é o do pioneirismo e o da afirmação da identidade do Brasil, precisa de ter uma divulgação no país inteiro, para o próprio bem do nosso povo. A salvação do Brasil está na colonização, na abertura de novas regiões para a produção, no aumento das lavouras e da criação das riquezas, e não nas lutas e cambalachos políticos, que não geram coisa nenhuma. A mesma esterilidade encontramos nos planos dos economistas, que terminam todos em fracasso, pois não resultam no aumento de bens para o povo. Que esperar de uma grande nação como a nossa que importa até arroz e o feijão? Dourados ri-se desses políticos e economistas e nos oferece fartamente gado, arroz, milho e soja. Lá fica a famosa fazenda Itamarati, a maior plantação de soja do mundo!

A epopéia de Brasília não foi feita das armas, foi criação dos candangos nordestinos ou mineiros que Vladimir Carvalho evocou nos seus filmes fabulosos "Brasília — a última utopia" e "Conterrâneos Velhos de Guerra". O que apresento aqui em termos de prosa, nessas fitas se encontra com imagens da vida e a magia do cinema. Vladimir e outros colegas valorosos da UnB representam uma escola de cinema ímpar e quem o proclama? A revista "VEJA" relacionou os defeitos da universidade pública no Brasil mas maliciosamente esqueceu as conquistas desse ensino devotado.

Às vezes noto má vontade contra Brasília na própria Brasília, o cultivo de autoflagelação

e pobreza de alma. Prefiro admirar os entusiastas e pessoas simples de coração que são Mário Garófalo, que, solitário, oferece cultura pelo rádio, a solícita Odete Ernest Dias, valorosa musicista, o incrível Da Mata, a quem devemos o cinema de arte na cidade, Ivan da Silva, o divulgador dos nossos livros... E há outras pessoas, naturalmente, com a mesma boa vontade.

É visando a dissolução desses miasmas de pessimismo e desin-

tegração que proponho a criação de um programa denominado DE BRASÍLIA PARA O BRASIL que leve notícia, às outras regiões do Brasil, do caráter e da criatividade brasiliense. Esse plano, indiferente ao impacto do "rush" difundido maciçamente pelas multinacionais e resistente ao imperialismo cultural do eixo Rio-São Paulo, divulgaria nossos poetas, artistas plásticos, músicos, bailarinos, folcloristas... Por que não? Todas as regiões do Brasil têm bastante o que mostrar. Apenas não contam com a boa vontade daqueles que promovem a cultura no Brasil.

Lembro-me das noites inesquecíveis, no humilde teatro da Escola Parque, do Clube do Choro, na época dourada de Valdir Azevedo, Avena de Castro, Bide, e outros "chorões" de talento impressionante. Do mais jovem deles, talentosíssimo, fiquei fã para sempre: o Reco do Bandolim.

Em vez, portanto, de "complexo de inferioridade" e derrotismo, dê-se lugar ao entusiasmo. A própria etimologia da palavra constitui um convite para a ação criadora: Deus em nós. Com entusiasmo, pois, levemos o estandarte de Brasília a todas as partes do Brasil. Sobretudo, àquelas meio-abandonadas, que entendem, como nós, a linguagem do pioneirismo: Rondônia, Roraima, Amapá... Não se restringe Brasília apenas ao papel de capital, de centro político. Aspira a ser uma cidade-mensagem, uma cidade exemplo, uma cidade-licção. Lição do novo bandeirismo, do pioneirismo atual, moderno. Brasília, autêntica, repele a politicalha, o lobby, o marketing político, as futilidades e adulações de Corte. Diante das tentativas de caos e das exibições da futilidade, uma Brasília legítima, humana, verdadeira, deve insistir na sua determinação de criar a completude, a inteireza do Brasil. Um corpo completo, perfeito. E com alma, naturalmente.

* Cassiano Nunes é escritor, poeta, crítico literário e ensaísta, professor da Universidade de Brasília. Endereço para correspondência: HIGS 711, Bloco E, Casa 27 — 70.361050 Brasília-DF.

